

# Letramento e identidade: questões em estudo

Jane Quintiliano Guimarães Silva\*

Juliana Alves Assis\*\*

Lesley Bartlett\*\*\*

Neste número da **Scripta**, a discussão dos estudos aqui reunidos gira em torno da temática letramento e identidade, questão que vem atraindo atenção de inúmeros pesquisadores das Ciências Sociais e Ciências Humanas. Esse traço deixa-se refletir na proposta deste número, ao aportar estudos, advindos de diferentes áreas científicas como Antropologia, Educação, Linguística Aplicada, Linguística, Psicologia Social, entre outras, desenvolvidos por pesquisadores de diferentes instituições nacionais e internacionais, que, num exercício dialógico, pautado por abordagens teórico-metodológicas distintas, põem à mostra a complexidade desses objetos e ilustram as diferentes lentes para abordá-los.

O grande desafio que se apresenta a muitos desses estudos é o de repensar letramento e identidade, num momento de grandes mudanças tanto sociais, culturais, políticas e econômicas quanto tecnológicas, estéticas e científicas, postas no final do século XX. Com as transformações no campo das ciências, marcadas pelas rupturas epistemológicas e pela emergência de múltiplos paradigmas conceituais e teórico-metodológicos, novas questões sobre letramento e identidade são trazidas à tona a partir das possibilidades abertas por teorias pós-modernas e pós-estruturalistas que rediscutem os objetos linguagem, discurso, subjetividade, identidade, cultura, etc.

No contexto desse debate, tanto letramento como identidade são temas que, nos últimos anos, têm sido amplamente abordados e debatidos na academia e fora dela, seja por estudiosos de diferentes áreas científicas, seja por aqueles que se interessam por questões de linguagem (usos e sua aprendizagem), sujeito, dinâmicas sociais e culturais, entre outras. Ambos os objetos, guardadas as especificidades dos interesses científicos que os justificam, as abordagens e campos teóricos que os abrigam, inscrevem-se em um momento de problematizações de

---

\* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Bolsista da CAPES – Processo Bex 9176/11-0 (Estágio Sênior no exterior)

\*\* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais Bolsista da CAPES – Processo Bex 6647/10-3 (Estágio Sênior no exterior)

\*\*\* Columbia University -Teacher College.

tudo o que parece preestabelecido e plenamente justificado pelas metanarrativas do pensamento moderno.

Em relação à identidade, fala-se hoje de perda ou busca de identidade de um indivíduo, de um povo, de um grupo social. Ou, como muitos asseveram, as velhas identidades que, por tanto tempo, estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, visto por longos séculos como um sujeito unificado (HALL, 2003, 2004). Irrompe-se, nas Ciências Sociais, em especial, uma crítica à concepção de identidade como algo integral e originária do sujeito e, por conseguinte, aos modelos essencialistas de compreensão do tema. Tanto Hall (2003, 2004) como Woodward (2004), dentre outros estudiosos do campo, argumentam que identidade entrou em colapso, fenômeno provocado pelas mudanças do mundo contemporâneo, o qual trouxe em seu bojo transformações sociais, econômicas, tecnológicas e geopolíticas em escala mundial, com implicações para os modos de ser dos sujeitos e suas formas de agir nas sociedades. Tais mudanças, como apontam os autores, têm gerado a fragmentação das paisagens sociais e culturais de classe, sexualidade, nacionalidade, etnia, etc., paisagens que, no passado, nos forneciam sólidas localizações como indivíduos sociais.

Projeta-se, nessa perspectiva, que o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. As identidades sociais – classe social, gênero, orientação sexual, idade, profissão, raça, nacional, linguística, etc. – são construídas socialmente e desempenhadas simultaneamente pelas pessoas nas mesmas ou em práticas sociais diferentes. Nessa abordagem, alinhada às formulações dos estudos culturalistas, afastando-se da noção de identidade como um atributo biológico ou expressão da essencialidade do *self*, ou como algo dado, ou, ainda, marcado pelo dualismo entre o individual e social, gera-se uma compreensão de identidade como algo complexo, múltiplo ou heterogêneo, fluido ou provisório, informado pela incorporação da dimensão social, histórica e cultural nesse construto (HALL, 2003, 2004; WOODWARD, 2004).

Essa noção de identidade, tributária da concepção de identidade social, não se firma como única e pronta. Existem nas Ciências Sociais inúmeras acepções, apontando que a questão da identidade é um objeto atravessado de múltiplas vozes e de jogos de combinações teóricas e conceituais que põem à mostra que ele não se fecha em um quadro teórico específico. Todavia, como comenta Fina (2006), importa salientar que se reconhece, nas formulações de muitos desses estudos contemporâneos, um traço de convergência que se assinala pelo deslocamento

da ênfase da universalidade de sujeito para os processos sociais identitários, ao priorizarem a relação entre o(s) sujeito(s) nas práticas sociais, considerando-se a diversidade dos contextos culturais na sua relação com as identidades sociais que neles se desenvolvem (FINA, 2006, p. 264).

Quanto à questão do letramento, experimentamos também a emergência de novas práticas letradas, o desaparecimento e a reconfiguração de algumas e, ainda, estabilidade e rigidez de outras práticas de letramento, engendradas em diferentes domínios sociais, como o econômico, o religioso, o político, o administrativo e o educacional, dentre outros. O fato é que estamos imersos em diferentes práticas de escrita as quais se conjugam e se interpenetram com práticas orais e/ou atualizadas por outras semioses presentes nas sociedades, que organizam os modos de (inter) agir das pessoas nas suas atividades sociais, como nos lembra Street (1984, 2014). Dessa perspectiva, como são múltiplas e heterogêneas as práticas letradas é que se endossa a ideia de múltiplos letramentos, conforme propõe esse pesquisador.

Letramentos ou múltiplos letramentos, termos que se equivalem, é um conceito caro aos novos estudos do letramento que traz em sua acepção a ênfase na natureza social do letramento e no caráter múltiplo das práticas letradas (Street, 2014). Nessa abordagem, letramento como prática social afigura-se como tese central. Isso, conforme Street (1984, 2014), Barton e Hamilton (1998), implica compreendê-lo como construções sociais e históricas, embebidas de crenças, valores e saberes, inscritas em relações de poder de diferentes ordens, as quais diferem no tempo e espaço, de uma cultura para outra, de um domínio social para outro, de um grupo social para outro.

Em decorrência dessa perspectiva, em que se valorizam os usos da escrita e da leitura como prática social, põe-se em questão a ênfase dominante num letramento único e neutro (STREET, 2014), produzido pelas tradições culturais ocidentais de prestígio, que está associado à linguagem padrão e ao isomorfismo entre forma linguística e pensamento. Nessa discussão, alinha-se a crítica à visão tradicional de letramento, ao reduzi-lo a atributos individuais da escrita, como habilidades linguísticas e cognitivas, neutras, universais e estáveis que, em qualquer tempo e espaço, quando aprendidas pela pessoa, seriam aplicáveis a quaisquer situações de uso (STREET, 2014).

Essa concepção de letramento, que preconiza a neutralidade e a autonomia dos usos e da aprendizagem da escrita e da leitura, é interpretada por Street (1984, 2014) como modelo autônomo, por mascarar a dimensão de poder implicada nessas práticas sociais. Nessa abordagem, centrada no sujeito e nas suas capacidades de escrita, são comuns expressões como “grau de letramento”, “nível

de letramento” ou “baixo letramento”, como bem as comenta Bunzen (2014, p. 9) em apresentação da obra *Letramentos Sociais*, de Street, recém-publicada no Brasil. Nessa linha de discussão, poderíamos também dizer, com Street (2014, p. 172), que, nesse modelo, ressoam os ecos dos “mitos do letramento”, o que promulga o letramento como um bem cultural, bom em si mesmo para todos, em qualquer lugar ou época, e, por extensão, o que justifica o letramento estar atrelado ao desenvolvimento de capacidades cognitivas das pessoas, criando-se, nesse escopo, molduras interpretativas para aferir traços identitários como os de pessoa letrada e não letrada, ou alfabetizadas ou analfabetas que, junto a essa categorização identitária, alinham-se às suas correlatas, escolarizado, pouco escolarizado e não escolarizado. Em contraposição a esse modelo, esse pesquisador sugere o chamado modelo ideológico, como abordagem alternativa para interpretar a problemática do letramento, sob um enquadre em que os aspetos cognitivos da leitura e da escrita sejam significados na sua relação com o contexto cultural, histórico e social em que as pessoas estão inseridas (STREET, 2014, p. 172).

Nesse modelo, assume-se que, quando lemos e escrevemos, estamos fazendo isso em um contexto específico, visando a atingir propósitos determinados. Isso implica entender que o letramento é um fenômeno situado e irremediavelmente inseparável das práticas sociais que lhe dão origem, cujos modos de funcionamento moldam as formas pelas quais os sujeitos que nelas se engajam constroem relações de identidade e de poder (STREET, 1984, 2014; BARTON, HAMILTON, 1998; KLEIMAN, 1985).

Resumidamente, essa orientação, inspirada pela abordagem sociocultural, que perpassa todo o projeto teórico-metodológico dos novos estudos do letramento, busca compreender a diversidade das práticas de letramento na sociedade contemporânea, pondo-se em relevo o modo como as pessoas nelas se inscrevem, isto é, agem e interagem com os interlocutores, com (e sobre) os objetos – textos, discursos, suportes materiais –, como constroem, assumem, transformam ou preservam suas identidades sociais.

Nesse enquadre, em que se focaliza a relação entre as práticas letradas, sujeito e o contexto sociocultural, os estudos contemporâneos da linguagem, por exemplo, as teorias do discurso, da enunciação, do gênero discursivo, inspiradas nos trabalhos do Círculo de Bakhtin e da Análise do discurso, tanto francesa quanto a anglo-saxã, têm se tornado produtivos para iluminar questões sobre as ações do letramento, a função de seus artefatos culturais e objetos simbólicos na constituição identitária do sujeito. À luz desse quadro de referências, em interlocução com os estudos da identidade, recentes pesquisas têm mostrado que o

modo como as pessoas usam a escrita e a leitura nos domínios sociais lhes demanda mais que codificar ou decodificar uma língua; elas, orientadas por um propósito comunicativo, agem e interagem, com (e pela) língua, são afetadas pelos sentidos aí engendrados, assumem, negociam posições identitárias (IVANIC, 1998; GEE, 1996; BARTLETT, 2005; KLEIMAN, 1995).

No contexto dessas discussões, os artigos aqui reunidos, inscritos em perspectivas teórico-metodológicas e preocupações distintas, dão-nos a ver o quão dialógico e multidisciplinar se apresenta o campo dos estudos do letramento. Nessa direção, importa dizer que, guardadas as especificidades teórico-metodológicas desses estudos, apreende-se, contudo, entre eles, uma linha de interlocução que pode ser assinalada por priorizarem abordagens contemporâneas sobre a temática em tela que procuram assinalar a complexidade da relação entre sujeito, identidade e linguagem nas práticas de letramento.

Sob esse viés, o interesse de suas investigações centra-se em práticas de letramento, no seu *modus operandi*, o que requer, em diálogo com a concepção de letramento, como prática social, atentar-se para as dimensões cultural, social, política, ideológica e histórica que as constituem e as distinguem na trama das práticas sociais das culturas do mundo contemporâneo. No que toca à problemática da identidade, consideradas as reconfigurações conceituais que o termo identidade suscita, as questões que se abrem para abordá-la em relação à de letramento tendem a não perder de vista o caráter dinâmico e fluido de que reveste o construto da identidade, intrincado por processos socioculturais, históricos e subjetivos, constituídos e/ou implicados nas práticas de escrita e de leitura. Nesse sentido, os autores que aqui se apresentam procuram demonstrar, com base em seus objetos de análise, que uma investigação dos processos identitários envolve considerá-los a partir de configurações identitárias construídas por processos de trocas intersubjetivas, pondo-se em evidência que as identidades são diversas e mutáveis, tanto nos contextos sociais onde elas são vividas, no nosso caso, no das práticas letradas, quanto nos sistemas simbólicos por meio dos quais elas ganham sentido.

## Apresentação do dossiê

Este número da **Revista Scripta** se compõe de três partes: a primeira trata de discussões teórico-metodológicas do objeto letramento, em que se enfatizam as configurações conceituais que esse termo ganha nas abordagens teóricas que o exploram. A segunda parte centra-se em estudos de natureza etnográfica,

realizados em diferentes contextos culturais (escolar, midiático, regional), em que se tematiza a relação entre letramentos e a construção de identidades sociais. A terceira parte, dedicada a práticas escritas de diferentes esferas e atividades sociais (universitária, escolar, profissional), focaliza a emergência de processos sociais e subjetivos implicados nos posicionamentos identitários assumidos na escrita.

Abrindo a primeira parte, o artigo de Leda Verdiani Tfouni, Dionéia Motta Monte-Serrat e Diana Junkes Bueno Martha propõe uma reflexão sobre letramento numa perspectiva socioistórica, alinhada aos pressupostos da Análise do Discurso pecheutiana e da psicanálise lacaniana, por entender que esse posicionamento teórico possibilita incorporar uma concepção de letramento que informa o caráter histórico, ideológico, político e processual desse fenômeno social. Dessa perspectiva, problematizando concepções de letramento associadas a uma ideologia pedagógica prescritivista, que se assenta na ação de codificação/decodificação de textos escritos e tende ao apagamento do sujeito do discurso, o trabalho das autoras focaliza a produção da escrita de sujeitos que se iniciam na escrita, como uma atividade discursiva, marcada por gestos autorais, em que se imbricam saberes de práticas orais, experiências de leitura fora da escola, por exemplo. Defende-se, nessa direção, que a escrita na escola deve constituir-se em práticas em que o aluno possa falar de si, de sua realidade, (re)conhecer-se, descobrir-se outro, e não falar de algo estranho a ele, ininteligível. Apontando essa questão, como uma alternativa para compreender e superar o distanciamento que se instala entre a escrita do aluno e os projetos de escrita da escola, as autoras apostam que o letramento e discurso do sujeito em convergência podem conduzir os educadores a um exercício ímpar de escuta, não do que eles querem ouvir, mas daquilo que seus alunos, a partir de seus arquivos, de sua inserção socioistórica, podem dizer/escrever.

O trabalho apresentado por Mary Elizabeth Cerutti-Rizzatti e Kamila Caetano Almeida traz uma discussão sobre as noções de letramento e identidade, exploradas em sua relação com os conceitos de “universo global” e “universo local” do uso da escrita. O trabalho das autoras busca propor uma ressignificação na compreensão das interfaces entre esses conceitos, fazendo-o em uma articulação entre a antropologia da linguagem no que respeita aos estudos do letramento, a filosofia da linguagem no âmbito do ideário bakhtiniano e a psicologia da linguagem no que concerne ao pensamento vigotskiano. Sob esse enquadre, tendo como pressuposto básico a relação entre o sujeito e a palavra, constituída no encontro com a palavra outra, o estudo investe-se na sistematização teórica de questões sobre os universos “global” e “local(is)”, discutidas na interlocução com a

problemática dos letramentos “vernaculares” e “dominantes”, com objetivo de mostrar que questões dessa ordem não são realidades dicotômicas, ao serem abordadas como “lugares” em dialogicidade, vistos, como salientam as autoras, como um encontro historicizado entre o *eu* e o *outro*, mediado pela escrita, no interior do qual se (re)configura a constituição identitária dos usuários da escrita.

Na segunda parte do dossiê, o trabalho de Lesley Bartlett examina a função e os significados que artefatos culturais, ligados às práticas de letramento, refletem no modo como estudantes de cursos da Educação para jovens e adultos constroem e/ou representam suas identidades sociais. Trata-se de uma pesquisa etnográfica realizada no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, de 1995 a 1996, e em João Pessoa, no ano de 1999. Os dados da pesquisa foram coletados mediante a observação em salas de aula de alfabetização de adultos, em escolas públicas e em programas de organização não governamental e, ainda, em entrevistas com estudantes das classes escolares observadas. Segundo a autora, os estudantes pesquisados, para se sentirem e parecerem pessoas que sabem ler e escrever, utilizam um conjunto de artefatos culturais relacionados às práticas letradas, como livros, a bíblia, canetas, estojos, etc. Aos olhos dos entrevistados, conforme Bartlett, o uso de artefatos culturais é uma forma por meio da qual eles buscam parecer pessoas letradas, ou serem vistos como tal pelo outro e, ainda, sentirem-se pessoas letradas. Para a autora, a ação do letramento envolve a construção ativa e improvisada da identidade, em cuja constituição imbricam-se dois níveis: o interpessoal, erigido na forma do parecer, e o intrapessoal, na forma de sentir-se. Ambos os níveis são sociais, pois implicam o agenciamento de símbolos, imagens, narrativas, coletivas e individuais, por parte dos estudantes, ao procurarem convencer os outros e a si mesmo que é um tipo de pessoa pertencente à cultura escrita. Nesse sentido, como defende a autora, a ação do letramento envolve um processo de aprender a ler e escrever que ultrapassa a interação com letras, sílabas, palavras ou textos, pois nele se inscreve um trabalho crítico e interacional, da parte das pessoas, na construção e representação de suas identidades sociais.

Corroborando para dismantelar o estereótipo segundo o qual, nas comunidades rurais da Amazônia peruana, são escassos os usos da escrita e, igualmente, apontando quão recentes e raros são os estudos empíricos interessados em investigar essa região, Patricia Ames, elegendo, como campo de investigação, uma comunidade rural dessa região – uma aldeia mestiça, às margens do rio Ucayali –, apresenta um estudo de cunho etnográfico que objetiva identificar os usos e significados da escrita e da leitura na vida da população dessa aldeia. Por meio de observação de práticas de letramentos em vigência na comunidade e de entrevista com pessoas

pertencentes a grupos sociais distintos, a pesquisadora encontra uma paisagem de práticas letradas engendradas em diferentes domínios sociais – família, escola, assembleias da associação de pescadores, igreja, comércio, serviços públicos do Estado – que organizam as relações sociais daquela comunidade. Uma das questões importantes apresentadas pela pesquisa diz respeito ao distanciamento da escola na relação entre as suas práticas de letramento e as da comunidade, sobretudo as que ocorrem na esfera familiar. Conforme a autora, a escola não vê como legítimas as práticas de escrita e de leitura vivenciadas pelos alunos no seio familiar. A despeito desse fato, como destaca a autora, a escrita e a leitura, na comunidade, estão ligadas a processos sociais organizadores do cotidiano, as quais se afiguram ferramentas de democratização e participação, mas também de diferenciação hierárquica entre as pessoas, conforme a esfera da atividade em questão. O resultado do estudo contribui para problematizar os estereótipos de que as práticas letradas de comunidades rurais, em razão de traços de analfabetismo, possam afigurar-se menos complexas que as práticas de letramento de sociedades urbanas.

O estudo trazido por Maria de Lourdes Dionísio, Rui Vieira de Castro e Ana Silva, inscrito na perspectiva social de letramento, apresenta resultados da primeira etapa de uma pesquisa, envolvendo um grupo de 113 estudantes portugueses, adultos, que retomam a escola, no momento em que Portugal, em âmbito nacional, desenvolve um programa de qualificação escolar e/ou profissional de adultos. Nessa etapa do estudo, como expediente metodológico, a pesquisa valeu-se de um questionário, visando a reconstituir a trajetória de letramentos desses estudantes, bem como identificar os valores e as concepções de letramento que constituem e definem as suas identidades sociais quando do ingresso nesse processo escolar. Por meio desse procedimento, o objetivo do estudo é de compreender até que ponto são desafiadas e transformadas as práticas vernáculas de usos de textos e, em consequência, que transformações se operam nas identidades letradas de adultos que passam a integrar o programa com o propósito de obter o nível básico de escolaridade (no caso, o 9º ano). Nessa etapa do estudo, os resultados apresentados pelos pesquisadores denunciam que ainda vigoram, no grupo investigado, representações de que as práticas que integram e significam a sua participação no dia a dia da vida cotidiana não são consideradas legítimas tais como o são, sob o ponto de vista do grupo, as que ocorrem no domínio escolar. Dito de outro modo, como salientam os pesquisadores, a hegemonia do letramento dominante, filiado às chamadas culturas oficiais, deixa à sombra ou negligencia outras formas de letramento.

Advogando a urgência de uma reflexão crítica e sistemática sobre o hiato entre as novas e múltiplas linguagens veiculadas na *Web 2.0* e as práticas de ensino de língua e, especialmente, as de educação artística na escola, o estudo proposto por Lalitha Vasudevan tematiza os multiletramentos em que os adolescentes estão imersos no seu dia a dia. Em diálogo com os pressupostos do Grupo de Nova Londres, a autora, para essa discussão, traz resultados de uma pesquisa, realizada, durante quinze meses, com um grupo de estudantes adolescentes americanos que, no seu dia a dia, fora dos espaços da escola, constituem-se como escreventes, leitores, editores, *designers* de criação e produção de histórias *fanfiction*, clips, vídeos, entre outros objetos midiáticos da cultura digital. Nesse espaço de experiência estética, como verifica a autora, novas identidades letradas são construídas por esses jovens. Argumenta a autora que a inserção, por parte dos adolescentes, em práticas sociais organizadas por novas linguagens, é uma realidade da sociedade contemporânea, para a qual a escola não pode fechar os olhos. É um fato preocupante, assevera a autora, o distanciamento que ainda perdura entre as práticas de letramento da escola e as experiências estéticas vivenciadas pelos alunos na esfera das mídias digitais, uma vez que são negligenciadas pela escola possibilidades de uma ação pedagógica que estimule a criatividade e o engajamento crítico, por parte dos alunos, nas novas mídias.

Na terceira parte do dossiê, o artigo de Angela Kleiman, Carolina Vianna e Paula de Grande examina os posicionamentos discursivos de professoras e alfabetizadoras em relação a discursos que costumam questionar suas competências profissionais. Com base em entrevistas, rodas de conversa e cenas de aula, o trabalho mostra os mecanismos enunciativo-discursivos utilizados pelas professoras para contestar identidades a elas atribuídas e construir identidades resistentes e positivas, em eventos de interação com pesquisadores e formadores universitários. Recorrendo à microanálise da interação e à abordagem etnográfica na geração dos dados, as autoras salientam que esse expediente metodológico contribui não somente para conhecer os recursos daqueles cujas vozes ficam muitas vezes fora da polêmica sobre sua própria formação mas também permite mostrar que, mais importante do que a adesão a uma ou outra teoria científica, são os modos de apropriação e de posicionamento do professor, em geral considerado apenas como alguém que está sempre à mercê de novas teorias. As análises demonstram que, apesar de tomarem por base experiências de marginalizações profissionais e sociais, na escola e fora dela, as professoras e alfabetizadoras participantes das pesquisas conseguem construir identidades que contestam estereótipos e se posicionam de maneira mais favorável em relação à sua profissão e a si mesmas.

O estudo apresentado por Hejaine de Oliveira Fonseca visa investigar o processo de construção da identidade de estudantes, no papel de leitores, em um Curso de Letras/Português, na modalidade a distância. O trabalho teórico se sustenta na interlocução entre os estudos da leitura, sob o enfoque da História Cultural, os novos estudos do letramento e as teorias sociais de identidade. Com essa lente, admitindo-se que as identidades sociais dos estudantes como leitores são construídas e praticadas tanto na própria atividade da leitura como em atividades em que refletem sobre as suas práticas de leitura, a autora propõe, em seu artigo, um trabalho de análise de memoriais, produzidos por estudantes em uma sala virtual, chamada sala de leitura, que, criada pela pesquisadora, funciona como um ambiente de atividades de leitura multifacetado. Os resultados da pesquisa evidenciam que a identidade dos estudantes, no papel de leitor, construída nos memoriais pesquisados, não apresenta um posicionamento identitário único e fechado, em razão de os participantes, ao falarem de si e de suas práticas de leitura, posicionarem-se ora como leitores ora como não leitores; nesse caso, reportam-se às raras e/ou às ausentes práticas de leitura vivenciadas no seio familiar. Em relação à esfera acadêmica, veem-se como leitores em formação, inseridos nas práticas de leitura que a vida acadêmica lhes impõe. Por meio desses memoriais, conforme conclui a autora, reconhecem-se os processos em curso de posicionamentos identitários dos estudantes, no papel de leitores; uma identidade praticada, em transformação, expressa em narrativas, povoadas de vozes que deixam entrever um descontentamento ou estranhamento com as novas práticas de leitura na esfera acadêmica, entremeadas por um desejo de engajamento em tais práticas, para firmarem as suas identidades sociais.

Maria Sílvia Cintra Martins, em seu artigo, tem como objetivo compreender a forma de participação de graduandos indígenas em práticas vernaculares de letramento e as relações de tensões da transição para práticas letradas da esfera acadêmica, focalizando, nesse sentido, o processo de heterogeneidade da linguagem vivenciado pelos sujeitos pesquisados em fase de apropriação da linguagem escrita típica dos ambientes acadêmicos. A pesquisa de caráter etnográfico envolve sujeitos indígenas do Território Etnoeducacional do Alto Rio Negro, localizado no município de São Gabriel da Cachoeira, na Amazônia, região que faz fronteira com Colômbia e Venezuela. Em razão da natureza do campo investigado, a autora propõe abordá-lo sob a perspectiva de que as fronteiras são lugares propícios para as transformações e para se trabalharem a construção de novos saberes. Nesse sentido, o estudo explora o conceito de fronteira a partir de três faces: como um diálogo intercultural que se dá pelo atravessamento de fronteiras semióticas; os

cronotopos, como realidades espaço-temporais, erigidos na existência de limites, de fronteiras, de confrontações; a etnicidade como fenômeno de fronteira, de confrontos interétnicos e interculturais. Segundo a autora, conforme os resultados da pesquisa, o desafio que se apresenta aos graduandos indígenas não reside no fato da discrepância eventual entre a língua de sua comunidade e a língua portuguesa, já que grande parte deles fala a língua portuguesa como primeira língua. O desafio reside na transição entre as semiosferas próprias à Língua Portuguesa, em seus diferentes gêneros ou modalidades, sendo que a discrepância se torna mais evidente em função de um trânsito abrupto da realidade da escola de aldeia para a realidade da esfera acadêmica, sem que tenham existido fases transitórias intermediárias.

O trabalho proposto por Jane Quintiliano Guimaraes Silva e Renata Oliveira Marques Gomide apresenta uma análise sobre os posicionamentos discursivo-enunciativos de alunos em processo de formação acadêmico-profissional em Letras, com objetivo de compreender os movimentos de constituição identitária desses sujeitos no trabalho discursivo de seus textos. Sob uma perspectiva discursiva, um dos pressupostos orientadores do estudo é o de que a emergência e a constituição da identidade são situadas, implicadas intrinsecamente com as práticas discursivas em que se engajam os sujeitos, com o feixe de identidades que o constituem e os discursos que o envolvem. Assim, de acordo com o *corpus* examinado, o estudo verifica que o discurso dos estudantes é atravessado por múltiplas vozes, quando se posicionam como futuros professores e também como estudantes de um curso de licenciatura, mas nem por isso é desprovido de traços de sua individualidade. No trabalho discursivo de seus textos, os estudantes deixam entrever, mediante os recursos linguísticos selecionados, a emergência de uma identidade multifacetada e heterogênea, e, por isso, um processo em contínua (trans)formação. Destacam as autoras que os resultados a que chegou o estudo permitem assinalar que o sujeito não está no “dito”, mas nos “modos de dizer”, instância da gestão do texto e, portanto, da atualização do discurso em que se flagram os posicionamentos identitários.

Fechando a terceira parte deste dossiê, Dominique Bourgain, orientada por pressupostos de base bakhtiniana, aborda, em seu artigo, as relações entre a escrita e a identidade, vistas numa rede de interações complexas, dialógicas, o que faz com que toda e qualquer identidade se organize em um jogo entre o que já existe e o que está por vir, entre o que se sabe e o que se deseja, entre o que se afirma e o que se nega. A autora, valorizando a ideia de que sujeitos participam de redes interrelacionais e interativas de múltiplas práticas e exercem a proteção de face como uma estratégia escritural que lida com aparatos simbólicos

(in) conscientes que marcam identidades e trajetórias do papel social do escritor, confronta concepções que ignoram a escritura como trabalho e que textos são criados pela/na emergência do sentido, deixando de lado aspectos da invenção, da descoberta e das representações dos leitores. Ao centrar no trabalho da escritura, a autora reforça que todo texto traz marcas de tensões, atua como moderador de representações e abre espaço para o outro sem com ele confundir-se. Assume assim, que todo escrito é discurso e comporta investimentos nele feito por outros escritores em graus diversos de alteridade e dialogismo, pela recepção da palavra já habitada pela interação viva e intensa da compreensão “responsiva ativa” e que o torna ocupante de um lugar no espaço social. Questões importantes da pesquisa mostram que os laços entre identidade escritural e representações geradas no seio da sociedade mobilizam critérios para escrever segundo os destinatários, as circunstâncias, os objetos, tempo, frequência e grau de formalismo da distribuição de papéis e funções na hierarquia de uma multinacional, na qual a distribuição das tarefas de escrever se estabelecem conforme as funções sociais da escritura e distinguem duas grandes funções: práticas da escrita profissional e da vida privada, identificando em ambas uma negação da competência para escrever que reproduz representações escolares como, por exemplo, as crenças de que o escritor controla os objetos que produz e habita um lugar no imaginário social de onde tudo controla. Assim, em seu estudo, a autora demonstra que toda escrita é projeção criativa do Eu no imaginário e, também, o lugar do intercâmbio nas práticas sociais, como atividade de combinar representações recíprocas que emergem do intra e do interdiscurso como identidades.

#### Referências

BARTON, D., HAMILTON, M. **Local literacies**: reading and writing in one community. London: Routledge, 1998.

BARTLETT, L. **Identity work and cultural artifacts in literacy learning and use**: A sociocultural analysis. *Language & Education* Vol. 19: No 1, 2005.

BUNZEN, Cl. Apresentação. In: STREET, Brian. **Letramentos Sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução Marcos Bagno, São Paulo: Parábola Editorial. 2014.

FINA, A. Discourse and Identity. In: VAN DIJK, Teun A (Org.). **Discourse Studies: a multidisciplinary introduction**. London: Sage Publications Ltd, 2006.

GEE, J. P. **Social linguistics and literacies: ideology in discourses**. London: The Falmer Press, 1996.

HALL, S. Quem precisa de identidade. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Rio de Janeiro: Editora Vozes. 2004.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

IVANIČ, R. **Writing and Identity**:The discursal construction of identity in academic writing. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1998.

KLEIMAN, A. B. (Org.) **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

STREET, B. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: CUP, 1984.

STREET, B. **Letramentos Sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Tradução Marcos Bagno, São Paulo: Parábola Editorial. 2014.

WOODWARD, K. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Editora Voz

**Dossiê**  
**Letramento e identidade:**  
**configurações conceituais**